
**MEMÓRIAS DO FEMININO NO DISCURSO DE UMA MULHER ATRAVESSADA
PELA VIVÊNCIA NAS RUAS**

Thaise Maria Armelin Elias ¹

Resumo: O feminino, desde tempos antigos, carrega memórias de silenciamento, engessamento e submissão. Graças à memória podemos acessar as verdades, os poderes e os saberes que regeram a história e posicionaram as mulheres em lugares naturalizados para o sujeito feminino, moldando sua forma de ser e estar no mundo. As questões da memória há tempos instigam os estudos e as reflexões humanas, trazendo à tona quem somos. Assim, este artigo objetiva analisar enunciados retirados do documentário *Eu moro em qualquer lugar* dirigido por Márcio Coutinho, a fim de trazer à luz as memórias de uma mulher que viveu nas ruas do Rio de Janeiro, evidenciando como suas memórias foram moldando seu ser e seu existir. Para tanto, além dos estudos sobre a memória, mobilizaremos os estudos do filósofo Michel Foucault a respeito do enunciado bem como os pressupostos atrelados à noção de memória discursiva, introduzida nos estudos do discurso por Jean-Jacques Courtine. Destarte, daremos visibilidade a um feminino construído pelas memórias individuais dessa mulher em consonância com as memórias coletivas, via memória discursiva, na tentativa de responder o questionamento central do pensamento foucaultiano: *quem somos nós hoje?*

Palavras-chave: Documentário. Enunciado. Identidade. História das Mulheres. Michel Foucault.

**MEMORIES OF THE FEMININE IN THE SPEECH OF A WOMAN CROSSED BY
EXPERIENCE ON THE STREETS**

Abstract: Since ancient times, the feminine has carried memories of silencing, rigidity, and submission. Thanks to memory, we can access the truths, powers, and knowledge that have governed history and positioned women in places naturalized for the female subject, shaping their way of being and existing in the world. Questions of memory have long instigated human studies and reflections, bringing to light who we are. Thus, this article aims to analyze statements taken from the documentary **Eu moro em qualquer lugar** (I Live Anywhere) directed by Márcio Coutinho, in order to shed light on the memories of a woman who lived on the streets of Rio de Janeiro, highlighting how her memories shaped her being and her existence. To this end, in addition to studies on memory, we will draw on the studies of the philosopher Michel Foucault regarding the statement, as well as the assumptions linked to the notion of discursive memory, introduced into discourse studies by Jean-Jacques Courtine. Therefore, we will give visibility to a femininity constructed by this woman's individual memories in consonance with collective memories, via discursive memory, in an attempt to answer the central question of Foucault's thought: *who are we today?*

Keywords: Documentary. Statement. Identity. History of Women. Michel Foucault.

¹ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Letras, PPGL – UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro Oeste. Graduada em Letras pela UEM – Universidade Estadual de Maringá e especialista em Língua Portuguesa e Literatura no contexto educacional – UNICESUMAR. E-mail: thaiseaelias@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Postulados pela psicanálise, pela arte e pela filosofia, os estudos sobre a memória emergiram instigando estudos, reflexões e avanços, uma vez que é crucial para o funcionamento intelectual humano e para a composição de sua identidade. Assim, a ausência de memória, de acordo com Carmen Neufeld e Lilian Stein (2001, p.51), geraria um efeito devastador no que se refere a nós mesmos e ao nosso convívio em sociedade, pois afetaria simples situações como não lembrar quem somos, o que fazemos e com quem nos relacionamos. Em outras palavras, não teríamos como planejar o futuro se não tivémos memórias do passado, haja vista que nosso planejamento sobre o futuro acontece com base nas experiências passadas. Portanto, “a memória não é apenas um armazenador estanque do passado, mas torna-se uma base importante para toda nossa vida mental” (Neufeld e Stein, 2001, p. 51).

Essa premissa vai ao encontro do cerne do questionamento foucaultiano: quem somos nós hoje? Não somente, no intuito de descobrir quem nos tornamos, mas também de resistir esse alguém, trilhando ao encontro do que Michel Foucault (2020) chama de cuidado de si, isto é, ao encontro da nossa verdade e da nossa vontade, comandadas e organizadas, tomando as dimensões de uma cultura de si, ou melhor, de um retorno a si para depois voltar-se ao mundo.

Nesse sentido, a partir das memórias, torna-se possível acessar momentos da história, notadamente, aqui, da história das mulheres, em que elas foram deixadas à margem, alvo de sujeição e de violência, silenciadas e atreladas a discursos considerados como verdade que ditavam sua maneira de ser e estar no mundo, pois eram pronunciados por aqueles que detinham o poder.

Assim, além dos estudos sobre a memória, mobilizaremos os estudos do filósofo Michel Foucault a respeito do enunciado, uma vez que o tomou como “um átomo do discurso” (Foucault, 2014, p. 96) e propôs olharmos para suas condições sócio-históricas de emergência, bem como os pressupostos atrelados à noção de memória discursiva, introduzida nos estudos do discurso por Jean-Jacques Courtine, a partir das formulações foucaultianas acerca do enunciado. Logo, o enunciado aqui é tomado sempre em meio a outros enunciados e sempre os reatualizando. Consequentemente e, parafraseando Foucault, não há memória que não reatualize outras memórias.

Dessa forma, adentraremos às memórias de Esmeraldina, uma mulher que viveu nas ruas do Rio de Janeiro, destituída de direitos básicos que garantem uma vida de forma digna e, que por isso, foi excluída socialmente, ficando vulnerável ao preconceito e à violência. Como

resultado disso, as memórias individuais dessa mulher acessam as memórias coletivas, via memória discursiva, de um feminino marcado, historicamente, pela submissão e pela violência e que pesa sobre ela atualmente. Assim, com base nessas memórias, caberá a ela conformar-se ou tentar romper com essa sujeição, mudando o curso da sua história, por outra, planejando seu futuro com base nas memórias, tanto individual, quanto coletiva, mesmo sabendo que se encontra em meio a relações de poder que tentam silenciá-la e higienizá-la a todo custo, dificultando sua estabilização social.

O documentário escolhido não foi ao acaso, mas em virtude de o diretor, Márcio Coutinho, interessar-se por temáticas sociais com o intuito de denunciar situações precárias que precisam de mudanças. Dentre as quarenta vozes femininas presentes no documentário, foi selecionada para este artigo, a voz de Esmeraldina por atravessar a temática das memórias. O fato dessa mulher optar por falar, por dar voz a esse documentário, evidencia sua vontade de sair do anonimato que sempre rondou a história das mulheres e que ainda ronda aquelas que se encontram em situação de rua de forma mais desumana. Logo, falar, nesse documentário, é um ato de coragem e de resistência.

Nesse viés, daremos ênfase na construção dessa ex-moradora de rua por meio de suas memórias, tanto individuais, quanto coletivas, uma vez que “o conjunto das memórias de cada um determina aquilo que se denomina personalidade ou forma de ser” (Izquierdo, 2011, p. 12).

1. SIMPLESMENTE, MEMÓRIAS

Partindo do princípio de que a memória significa “aquisição, formação, conservação e evocação de informações” (Izquierdo, 2011, p. 11), infere-se que somos formados e constituídos com base naquilo que recordamos. Se vimos, gravamos e aprendemos, é possível lembrar. Até mesmo aqueles episódios que se gostaríamos de esquecer, como fatos tristes e traumáticos, o cérebro traz à tona. Assim, “o acervo de nossas memórias faz com que cada um de nós seja o que é: um indivíduo, um ser para o qual não existe outro idêntico” (Izquierdo, 2011, p. 11), abrindo possibilidades para se arquitetar o futuro.

A partir das experiências, é que as memórias humanas são formadas, portanto, segundo a autora citada acima, é mais coerente falar em memórias do que em memória. Os sentimentos e as emoções sistematizam a obtenção e a evocação dessas memórias. Por isso, inúmeras vezes,

o coração é acelerado pela lembrança, pois é ele quem pede ao cérebro para manifestar tal memória.

Nessa esteira, tanto a memória pessoal, quanto a coletiva, acrescenta fatos fictícios, descartando o corriqueiro. Dito de outra forma, aquilo que não foi importante vai se perdendo ao longo do tempo, enquanto alguns fatos irreais vão sendo incorporados nas memórias. Isto significa que é imprescindível o poder seletivo da memória, caso contrário seria insuportável recordar de tudo o tempo todo.

Henri Bergson (1999, p. 210) apresenta a memória como um processo inacabado e impossível de ser totalmente voluntário e objetivo. Portanto, a memória é seletiva, pois “o papel do corpo não é armazenar lembranças, mas simplesmente escolher” (Bergson, 1999, p. 210). Conseqüentemente, em meio a essas escolhas, há fantasia e invenção, em virtude de que aquilo que a memória nos traz difere da experiência vivida.

Nesse encaixo, torna-se pertinente trazer os apontamentos de Jacques Le Goff (1996) sobre o cruzamento da memória individual com a coletiva. Para ele, não é possível a construção de uma memória individual desconectada da memória coletiva, assim como não há memória coletiva fora da relação com as memórias subjetivas.

Ainda no que tange à memória coletiva para o autor, ela pode ser vista como um instrumento de manipulação de poder, pois a grande preocupação daqueles que detém o poder é não ser esquecido.

Michael Pollak (1992), em sincronia com Le Goff, afirma que a memória também é uma construção coletiva, não se resume apenas à vida de uma pessoa. Ela reforça o sentimento de pertencimento a certo grupo social, constituindo o sentimento de identidade, tanto individual, quanto coletiva no processo de construção de si.

Pelo viés discursivo, o acesso das memórias individuais de Esmeraldina às memórias coletivas só se torna possível via memória discursiva, uma vez que está ligada à existência histórica dos enunciados no interior de práticas discursivas. Esse conceito, indispensável para se fazer análise do discurso, entrou para os estudos na década de 80 quando Jean-Jacques Courtine (2014) revisitou a obra *Arqueologia do Saber* de Michel Foucault em que o filósofo trazia apontamentos sobre enunciado. Assim sendo, quando uma análise do discurso é realizada pela ótica courtineana de memória discursiva, é imprescindível lançar o olhar para status histórico-social, uma vez que memória e história estão intrinsecamente ligadas em meio aos processos discursivos. Em outras palavras, nessa linha de análise, importa a relação

indissociável entre língua, sujeito, história e memória, notadamente o fato de que na trama dessa relação, enredam-se saberes e efeitos de poder vinculados a esses saberes e (re)produtores de discursos. É por isso que Foucault parte do primado da relação, assim dizendo,

as coisas só existem por relação, tudo é histórico, tudo depende de tudo (e não unicamente das relações de produção), explicar um objeto consiste em mostrar de que contexto histórico ele depende. Por isso, o discurso é o que realmente é dito, sem que o sujeito saiba que está dizendo outros sentidos do dizer [...] podemos pensar, com Foucault, que a produção dos sentidos é uma luta discursiva travada na trama tênue do tecido histórico de uma sociedade. (Gregolin, 2004b, p. 41).

A partir disso, Courtine entendeu que é na atualidade do acontecimento que a memória irrompe, isto é, “toda produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimentada – faz circular – formulações anteriores, já enunciadas” (Courtine, 2014, p. 104).

No entanto, essa memória discursiva se distingue da memória psicológica que envolve processos cognitivos. Ela está relacionada a “discursos que estão na origem de certo número de atos novas de fala que os retomam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer” (Foucault, 1996, p. 22). Portanto, ela não é apenas uma lembrança, mas pertence à ordem do social e se constrói por meio da regularidade dos enunciados, ou seja, da repetição dos discursos que são retomados e regularizados, podendo criar verdades e cristalizar situações. À vista disso, assim como a linguagem, sem a história, não pode ter significado, o discurso não pode ser pensado sem vínculo com a memória, pois “a linguagem é o tecido da memória” (Courtine, 2006, p. 22).

Assim, enunciados produzidos em outro momento histórico podem ser atualizados no novo discurso via memória discursiva, dado que o sentido é construído sempre na historicidade, marcando a relação do homem com a linguagem.

Destarte, a partir do momento em que o documentário é eleito como lugar de memórias, ele passa a ser um instrumento de articulação de memórias e identidades a fim de apresentar um discurso comovente e convincente sobre o passado. Ademais, atualiza experiência, sentimentos, ressentimentos, configurando-se como um lugar de múltiplos significados e de representações de grupos sociais, a partir da operacionalização das memórias. Nesse viés, sabendo que memória e identidade se entrelaçam, o documentário como espaço de memória,

eleva a memória de determinados grupos, isto é, uma memória coletiva que perpassa e memória individual. Em outras palavras, o documentário como espaço de memórias

tem no exercício do passado recordado uma instância geradora de identidades. A experiência de assistir ao filme pode gerar nos espectadores uma cadeia de sentimentos e percepções e, dentre elas, o reconhecimento de determinados significados comuns referentes ao passado recordado (Tomaim, 2019, p. 123).

O autor ainda afirma que o documentário visto como um lugar de memórias, atualiza sempre o passado, refletindo sobre as perspectivas para o futuro a partir do trabalho com linguagens dotadas de emoções e sentimentos. São narrativas do passado, escrita no presente e para o presente.

Em suma, o documentário, por tentar trazer à memória fatos, histórias, pessoas, é uma forma de romper com o silêncio que tanta encobrir certos grupos sociais, irrompendo com recordações e vozes ressentidas que podem ser entendidos, segundo o autor citado acima, como um ato político, um desejo de memória, uma luta contra o esquecimento.

Nessa perspectiva, interessa-nos e adotamos aqui o documentário *Eu moro em qualquer lugar* como um espaço em que ressoa as memórias tanto individuais, quanto coletivas. Esse documentário apresenta vozes de mulheres que estão em situação de rua ou que passaram pelas ruas, bem como profissionais que estão em contato direto com essa população. Assim, objetiva-se, como já dito, adentrar as memórias individuais de Esmeraldina as quais acessarão memórias coletivas a fim de perceber o papel da memória na sua formação e na sua constituição, bem como fazer ecoar as vozes desse grupo minoritário e excluído socialmente e historicamente.

2. MULHERES NO CURSO DAS MEMÓRIAS

Uma história sem as mulheres, hoje, parece impossível, afirma a historiadora Michelle Perrot (2003, p.13). No entanto, nem sempre foi assim! Por muito tempo, elas foram apagadas, como se o mundo fosse pensado e empreendido apenas por homens. Soava naturalmente serem mencionadas apenas no papel de coadjuvante, exercendo uma função secundária junto ao homem nas narrativas de uma sociedade patriarcal. Assim, as memórias do feminino foram negadas ou distorcidas como se não fizessem parte da história, deixando um vácuo de informações sobre os feitos das mulheres.

Quando apareciam, eram taxadas de tristes, loucas, desequilibradas, pecadoras, doentes e, até mesmo, bruxas, enfatizando e instaurando no senso comum que o lugar e o papel da mulher na sociedade são nulos ou inferiores aos homens, restringindo-as ao ambiente doméstico, bem distante da razão, da criação e do protagonismo. Desse modo, instaurou-se acerca da feminilidade uma construção sociocultural “feita de contenção, discrição, doçura, passividade, submissão (sempre dizer sim, jamais não), pudor, silêncio. Eis as virtudes cardeais da mulher” (Perrot, 2003, p. 21).

No entanto, como orienta Foucault, é preciso retornar ao passado para entender o que somos hoje. Em outras palavras, é necessário voltar aos fragmentos, às lacunas da história para entender o presente e, até mesmo resisti-lo, interrompendo a lógica patriarcal e emergindo com novas verdades e memórias sobre as mulheres na história.

Ao debruçarmo-nos sobre os rastros da história, como um escavador arqueólogo, isto é, ao olharmos para além das evidências, para além da história contada por homens, vamos nos deparar com mulheres que fizeram a diferença na história, que foram protagonistas, que ousaram, que desobedeceram e alcançaram lugares outros, para além daqueles destinados ao sujeito feminino, apresentando novas formas de subjetividade.

Trazer à memória essas mulheres é uma forma de romper com o silêncio que sempre as cobriu e as manteve às escondidas nas sombras da história, uma vez que as mulheres mudaram e, conseqüentemente, a história mudou. Segundo Perrot (2019), elas desejaram o saber, instruíram-se, ousaram, migraram, conquistaram a liberdade, saindo do anonimato.

No âmbito dessas mudanças, na década de 60, nos Estados Unidos e, na década de 70, no Brasil, surge o movimento feminista objetivando “tornar vivível aquela que fora ocultada” (Louro, 2014, p. 21). Dessa forma, aquelas antes silenciadas, emergem na vida política, econômica, social e cultural, configurando ao feminino possibilidades e contribuições antes depreciadas. “De um lugar estigmatizado e inferiorizado, destituído de historicidade e excluído para o mundo da natureza, associado à ingenuidade, ao romantismo e à pureza, o feminino foi recriado social, cultural e historicamente pelas mulheres” (Rago, 2013, p. 20).

No curso dessa história, encontram-se aquelas que vivem em situação de rua, que além desse contexto de tanta diferença e indiferença, são destituídas de seus direitos básicos, como moradia, alimentação, saúde, educação entre outros que se fazem indispensáveis para se viver de forma digna. Essas, já carregam um estereótipo de inferioridade, silenciamento e invisibilidade e que, por estarem vivendo nas ruas, agrava-se, pois encontram-se em situação

de vulnerabilidade, desprovidas de seus direitos básicos e de dignidade. Logo, à mercê das leis que permeiam as ruas.

Assim, à vista da predominância de homens morando nas ruas, as mulheres, marcando 18% no cenário nacional (Brasil, 2008), as quais já são discriminadas pelo simples fato de serem mulheres, estão mais vulneráveis ao preconceito, à violência e à exclusão, dificultando sua estabilização social.

Segundo Patrícia Carvalho, “o ambiente da rua é formulado com espaços de regras machistas onde o homem é o detentor do poder, o que não diferencia da sociedade em geral que trata a mulher como ser inferior” (Carvalho, 2019, p. 4). Além disso, estas que se encontram em situação de rua são vistas como sujas, maltrapilhas, maltratadas na aparência, pedintes, causando repulsa e incômodo para aqueles que não se encontram na mesma situação. Dito de outro modo, é um corpo que foge do padrão imposto às mulheres, são o que uma mulher não deveria ser, pois de acordo com Perrot (2003), cabe à mulher a elegância, a beleza, a discrição com o intuito de ser exibida junto ao marido.

Portanto, um corpo ainda mais silenciado, invisibilizado e que evoca complexas relações de poder as quais o mantém sob dominação. Vidas conduzidas “sob o manto do descrédito social” (Esmeraldo e Ximenes, 2022, p. 3), questionando a compreensão do que é ser mulher e suas transformações sociais e históricas empreendidas pelos movimentos feministas.

Nesse viés, é sobre a memória individual de Esmeraldina que se entrelaça com a memória coletiva, sempre por meio da memória discursiva que este artigo lançará o olhar. Analisaremos, como já mencionado, como as memórias dessa ex-moradora de rua refletem na construção de sua identidade e no seu desejo de busca por outras subjetividades, além de dar-lhe vez, voz e visibilidade, tirando-a do silêncio ao qual foi subjugada.

Destarte, essa memória individual ecoa, por meio da memória discursiva, conectada com a memória coletiva, pois para Le Goff (1996), essas memórias não se desvinculam.

3. EU MORO EM QUALQUER LUGAR: MEMÓRIAS DE UM FEMININO

Retomando, novamente, o questionamento central do filósofo Michel Foucault *Quem somos nós hoje?* iremos enfatizar aqui as memórias de uma mulher que viveu nas ruas do rio de Janeiro. Não na busca de uma origem desse sujeito, mas na produção contínua e móvel dele,

uma vez que “ao percorrer o traçado de constituição do sujeito, termina por descortinar sua desconstituição, sua vacuidade, sua inexistência” (Castelo Branco, 1994, p. 44).

Assim, analisaremos a seguir sequências enunciativas, apresentando a sigla SE em ordem numérica, retiradas do documentário *Eu moro em qualquer lugar*, eleito aqui como lugar de memória, buscando, a partir delas, assegurar, corporeidade ao sujeito que “na solidão de quem se dirige a um tu silencioso, desenha sua forma, assume uma função, expressa afetos e temores para garantir sua existência” (Castelo Branco, 1994, p. 45).

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA 1:

“A vida, a situação, me fez ir parar na rua. O desemprego, a família. A primeira vez que, eu me lembro como se fosse hoje. Foi dia dois de fevereiro de 2012. Sentei na rua do Catete e falei que nunca mais voltaria pra dentro de casa, não pra aquele lugar. E não voltei” (Esmeraldina Souza – Ex-pop de rua).

Partindo da premissa de Michel Foucault (2014), segundo a qual todo discurso deve ser analisado no momento de sua ocorrência para que possa ser problematizado e para que o conjunto dos enunciados efetivos se revele como um ponto de articulação em rede, somos levados a indagar, a partir dessa primeira sequência enunciativa, por que esse enunciado específico se apresenta em vez de qualquer outro. Assim, cada enunciado será examinado em sua emergência, singularidade e regularidade, com o objetivo de evidenciar quais outras possibilidades de enunciação são excluídas, ainda que se reconheça a impossibilidade de esgotar completamente seus sentidos.

Nessa esteira, a sequência enunciativa acima marca o início das memórias, isto é, o exato momento em que dentro do documentário Esmeraldina, ex-moradora de rua, emerge com suas memórias, ou seja, começa a se lembrar do dia em que foi parar nas ruas, bem como os motivos que a levaram a tal decisão. Entre as diversas memórias possíveis, ela rememora com precisão o dia em que passou a viver na rua do Catete, em decorrência de conflitos familiares e do desemprego, deixando de lado outras formas de enunciação e fazendo emergir um excedente de sentido que só pode ser apreendido por meio de uma análise discursiva. Causas que, em primeiro momento, parece soar como banal, pois muitas pessoas enfrentam esse tipo de problemas sem apelar para as ruas. No entanto, ao analisarmos esse enunciado ou essa memória para além das evidências, como nos orienta Foucault (2014), é possível perceber que pelo fato dessa mulher afirmar que nunca mais voltaria para aquela casa, ou melhor, para aquele lugar, existe algo mais. Existem memórias que a paralisaram, que a impediram de voltar. Talvez

memórias tristes, de medos, de violência, de brigas, de discórdia, de motivos outros que a empurraram para as ruas e, que permitiu então, esse enunciado e nenhum outro em seu lugar.

Assim, pela perspectiva foucaultiana, essa sequência enunciativa revela tanto sua singularidade — marcada por data, lugar e experiência — quanto sua inserção em uma rede de regularidades discursivas que historicamente estruturam o modo como se fala sobre exclusão social, família e sobrevivência nas ruas. Ao declarar “e não voltei”, o enunciado produz um efeito de irreversibilidade, marcando a entrada definitiva em uma nova condição de existência. Esse fechamento não apenas narra um fato, mas organiza a experiência dentro de uma lógica discursiva de ruptura e continuidade, bastante recorrente em narrativas sobre a vida nas ruas.

Essa sequência também vai ao encontro da premissa de Izquierdo (2011) de que após as experiências vêm as memórias. Dito de outra forma, após a experiência traumática de ir morar na rua, emergem as memórias as quais o cérebro seleciona. Em meio a tantas outras, ecoa essa memória que talvez Esmeraldina desejasse esquecer, mas que vem à tona, uma vez que de acordo com Izquierdo (2011), essa memória é dotada dos mais variados sentimentos ou, ainda, segundo Bergson (1999) essa memória não é voluntária e não está armazenada, mas é selecionada pelo cérebro para trazer o passado ao presente.

Enquanto lugar de memória, esse documentário faz ressoar as experiências, os sentimentos e ressentimentos dessa mulher, transformando-o em um local de significados múltiplos, haja vista que é impossível esgotar os sentidos dessas memórias, pois estão sujeitas à abstração, dado que perpassa a subjetividade dessa mulher e a objetividade do cineasta. Pela perspectiva foucaultiana, essa memória, esse enunciado é “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço” (Foucault, 2014, p. 105).

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA 2:

“Então, aqui foi o lugar que eu cheguei e que eu deitei para dormir a primeira vez. Porque até então eu não dormia, eu não deitava, eu dormia sentada. Porque eu tinha medo de ser roubada, eu tinha medo de ser agarrada, eu tinha medo de um monte de coisas. Foi aqui que começou minha história de deitar debaixo da marquise” (Esmeraldina Souza – Ex-pop de rua).

Essa segunda sequência enunciativa evidencia que Esmeraldina Souza, ao rememorar a primeira experiência de dormir sob uma marquise e os medos então vivenciados, mobiliza a memória por meio de uma dimensão afetiva. Apesar da passagem do tempo, tais recordações persistem, marcadas por sentimentos de medo, insegurança e vulnerabilidade. A marquise —

ainda que possivelmente transformada ao longo dos anos — permanece como um operador simbólico que reativa memórias daquilo que a sujeito foi, ao mesmo tempo em que tensiona a projeção de novas possibilidades de existência. Nesse sentido, a memória se mantém como instância constitutiva do sujeito, permitindo-lhe ser, conforme Ivan Izquierdo (2011), aquilo que recorda.

Elucida também a vulnerabilidade dessa mulher que vivia em situação de rua, ou seja, deitada embaixo da marquise ficava suscetível ao roubo e à violência, expondo a falta de recursos básicos como o direito à moradia e à segurança, garantidos pela Constituição de 1988, uma vez que no seu art. 5º, inciso VI, alínea “a” está previsto “a igualdade de todos os brasileiros perante a lei e a inviolabilidade de direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Sendo assim, acessa também uma memória coletiva na qual a mulher é vista como objeto de desejo, em meio a uma sociedade patriarcal que gerou e ainda gera medo às mulheres, pois os homens, dotados de virilidade, enxergavam, historicamente, o feminino como o sexo frágil e submisso. Essa memória escancara as redes de poder na qual as mulheres lidaram e tem que lidar diariamente, uma vez que “o ambiente da rua é formulado com espaços de regras machistas onde o homem é o detentor do poder, o que não diferencia da sociedade em geral que trata a mulher como ser inferior” (Carvalho, 2019, p. 4).

Logo, percebe-se uma memória individual vinculada a uma memória coletiva, pois como afirma Le Goff (1996) uma não existe sem o vínculo com a outra. O acesso a essa memória coletiva torna-se possível devido a memória discursiva, haja vista sua relação direta com a história, permitindo-nos visualizar os efeitos de saber e poder vinculados nessa memória. Dito de outra maneira, as memórias de Esmeraldina, produzem sentidos enredados na trama histórica da sociedade, retomando um feminino vinculado, historicamente, à vulnerabilidade, ao medo, à submissão e ao silêncio.

Em outras palavras, do ponto de vista discursivo, trata-se de um enunciado atravessado por outros enunciados, que se apoia em falas já proferidas por mulheres ao longo da história — mulheres que também vivenciaram o medo em uma sociedade patriarcal que as inferioriza e violenta. Esse enunciado apenas necessitou de uma materialidade — um suporte, um lugar e uma data (Foucault, 2014) — para se atualizar. Assim, o discurso materializado nesse documentário, além de evidenciar as memórias de Esmeraldina, também expõe, na

contemporaneidade, as condições desumanas e machistas enfrentadas por mulheres em situação de rua, revelando uma regularidade discursiva que se mantém desde tempos remotos.

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA 3:

“Já sofri violências de tentativa de estupro, já tomei caixotada no Largo da Carioca. Eu tava dormindo, o homem queria meu papelão. Aí eu acordei, eu falei tá pegando meu papelão por causa de quê? Aí ele “me dá o papelão”. Aí eu fui peguei o papelão, não dei a ele, ele passou a mão no caixote deu em mim. Enfim, isso daí não acontece só comigo como acontece com muitas que eu já cansei de ver, já presenciei, só não pude ajudar né. Não tive como ajudar a não ser assim pedir a outra pessoa pra poder socorrer. Mas violência de todas as formas a gente sofre, inclusive a verbal. Que eu acho que dói muito mais” (Esmeraldina Souza – Ex-pop de rua).

O medo e a vulnerabilidade que perpassaram a sequência enunciativa 2, agora, cedem lugar para a violência tão temida. Uma memória de uma vida precária, dormindo em papelão e que faz ecoar a dor e a submissão ao declarar as tentativas de estupro e caixotadas por conta de papelão. Submissão histórica ao homem, retomada por meio da memória discursiva, sujeito detentor da força e da virilidade que sem apiedar-se agrediu Esmeraldina, como se ela não passasse de um objeto.

Memória que se liga, discursivamente, à história e atualiza um feminino sujeito a violência de um patriarcalismo que se acha no direito de agredir, naturalizando a violência contra a mulher. Como afirmou Esmeraldina, muitas outras mulheres como ela já sofreram violência, provando uma regularidade no curso da história e que se perpetua até os dias de hoje.

Portanto, tem-se não apenas uma lembrança, mas uma regularidade discursiva que pertence ao status histórico-social e que é retomada, cristalizando essa situação de violência na história das mulheres. Em outras palavras, memória que evoca visíveis relações de poder, uma vez que para Foucault “O poder está em toda parte” (2020, p. 101), ele é micro, está em todas as relações, se produz a todo momento nas instituições e entre os indivíduos. Dessa forma, um poder exercido na relação homem e mulher, em que o primeiro tem a necessidade de manter-se como sujeito dotado de força física para causar medo e afugentar as mulheres, pois temem que elas pisem no seu terreno. Já, a mulher, considerada vulnerável e frágil, continua a temer e a tentar desvencilhar-se das amarras do patriarcalismo que tenta manter o poder sob o seu domínio, evidenciando que o poder não é visto “como uma instituição nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns seriam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada (Foucault, 2020, p. 101).

Nessa esteira, no curso das memórias, algumas se apagam, outras permanecem. Memórias de ousadia e de conquistas estão sujeitas ao esquecimento ao silenciamento, mas as memórias em que se naturaliza o homem como ser superior se perpetuam com o intuito de sempre colocar o feminino em segundo plano, como um sujeito submisso que deve temer a virilidade de um homem.

Ao analisar esse enunciado sob a perspectiva discursiva, é possível perceber o quanto ele incorpora significações compartilhadas por toda uma época. No caso em questão, evidenciam-se a violência e o ódio direcionados ao corpo da mulher, pois, ao ser examinado em relação ao não dito, esse enunciado emerge, impedindo que caia no esquecimento ou na banalização. Dessa forma, ele se constitui como parte de um arquivo que, conforme Foucault (2014), pode ser compreendido como um sistema geral responsável por formar e transformar enunciados.

Ademais, o enunciado se constitui, aqui, como um acontecimento que torna visível uma experiência frequentemente silenciada: a violência múltipla (física, sexual e verbal) sofrida por mulheres em situação de rua. Ao dizer “isso não acontece só comigo”, a enunciativa desloca sua fala do plano individual para o coletivo, produzindo um efeito de generalização que a insere em uma regularidade discursiva. Esse movimento é central, pois, na perspectiva foucaultiana, o enunciado ganha espessura justamente quando se articula a outros já ditos, compondo uma rede de repetições, variações e permanências.

Dessa forma, essa sequência enunciativa se configura como um acontecimento discursivo que articula experiência individual e memória coletiva, materialidade e historicidade, evidenciando como os enunciados, em Foucault, são atravessados por relações de poder e constituem formas de tornar visíveis determinadas realidades sociais.

Enfim, memória carregada por Esmeraldina, que apesar de evocar um passado simbólico e sujeito a ficcionalização e a subjetividade, reverbera uma genealogia do feminino enraizada no solo patriarcal ao qual a mulher é subordinada, devendo respeitar a hierarquia.

SEQUÊNCIA ENUNCIATIVA 4

“Eu ando de cabeça em pé. Eu não preciso olhar pra trás. Eu não preciso ter medo” (Esmeraldina Souza – Ex-pop de rua).

Apesar dessa sequência ser a última a ser analisada, é ela que dá início ao documentário *Eu moro em qualquer lugar*. Esmeraldina é a primeira mulher que dá voz ao feminino nesse

documentário. É a primeira mulher ousada que denuncia a situação desumana, vulnerável e de violência a qual inúmeras mulheres estão sujeitas nas ruas. É a primeira mulher disposta a partilhar suas memórias a fim de rememorar um passado silenciado de mulheres deixadas à margem, à mercê de violências e de regras machistas. É a primeira mulher que tenta e ousa fazer um presente diferente, resistindo as sombras da história, mexendo com ela, visando tornar visível aquelas que foram e são invisibilizadas.

Embora sua trajetória seja marcada pelo sofrimento vivido nas ruas, a memória mencionada evidencia firmeza, resistência e enfrentamento, retomando a luta histórica das mulheres. Trata-se de lutas por direitos, igualdade, novos espaços e liberdade — travadas nas ruas, nos lares, nas relações, na literatura e na política. São batalhas que antecedem os próprios movimentos feministas, pois sempre houve um mal-estar — ou, mais precisamente, uma indignação — diante do papel atribuído à mulher pela sociedade patriarcal, que dita suas formas de ser e existir.

Além disso, esse enunciado acaba por reforçar o estigma de que, para sobreviver, a mulher precisa ser constantemente guerreira, disputar espaços e equilibrar-se entre filhos, profissão, estudos e tarefas domésticas. Tal análise evidencia também o não dito presente no enunciado, uma vez que, conforme Foucault (2014), todo enunciado é marcado por um déficit, já que nem tudo pode ser explicitado. Assim, torna-se necessária uma mudança de olhar, atenta às regularidades e singularidades discursivas, capaz de revelar aquilo que permanece implícito, pois os enunciados estão inseridos em um sistema de ramificações discursivas. Desse modo, observa-se, nessa sequência, uma abundância de sentidos concentrados em poucos significantes, o que evidencia o discurso como espaço de plenitude e riqueza indefinida.

Outrossim, esse enunciado tomado dentro do que Foucault (2014) chama de referente faz reverberar não a experiência individual de Esmeraldina, mas um conjunto mais amplo de práticas, saberes e relações de poder que atravessam sua fala. A afirmação de que “anda de cabeça em pé” e “não precisa ter medo” remete a um campo discursivo marcado historicamente pela vulnerabilidade, pela violência e pela marginalização de mulheres em situação de rua. É justamente nesse cenário que tais enunciados ganham sentido: eles só podem emergir porque há, como pano de fundo, uma memória discursiva de medo, submissão e ameaça.

Desse modo, o referente aqui se configura como esse campo de experiências e condições históricas que envolvem a vida nas ruas, a violência de gênero e os processos de exclusão social. O enunciado não descreve apenas uma superação individual, mas se ancora em uma rede de

sentidos que opõe medo/segurança, submissão/autonomia, invisibilidade/afirmação. Portanto, o que torna possível dizer “não preciso ter medo” é justamente a existência histórica de um contexto em que o medo era (ou ainda é) uma condição recorrente.

O referente, nesse caso, revela não apenas o que é dito, mas o que precisa existir para que isso possa ser dito: um campo de lutas, resistências e transformações que atravessa tanto a trajetória singular da enunciativa quanto as condições sociais mais amplas que a constituem.

Esmeraldina, hoje, longe das ruas, mesmo não querendo olhar para seu passado insalubre de violência, exclusão e invisibilidade, é assombrada pelas memórias as quais insistem em mostrar quem ela foi e pelos sofrimentos que passou. No entanto, no enalço de Foucault, é possível um retorno de Esmeraldina ao passado para saber sim quem ela foi, mas também para resisti-lo e transformar-se, uma vez que é um sujeito inconcluso e em constante transformação que busca dia a dia outros lugares e outras verdades sobre si e sobre o mundo que a cerca, mudando, juntamente consigo, a história coletiva das mulheres.

Nessa perspectiva, a sequência enunciativa evidencia um processo de reconfiguração da subjetividade. A afirmação “Eu ando de cabeça em pé” sinaliza uma ruptura com formas pretéritas de sujeição, possivelmente associadas à marginalização ou à exclusão, constituindo-se como um gesto de autoafirmação e de reposicionamento no mundo. Já “Eu não preciso olhar pra trás” indica um deslocamento em relação ao passado enquanto instância reguladora; em termos foucaultianos, este pode operar como dispositivo de normalização, sustentado por mecanismos como a culpa, o estigma e a imposição identitária. Nesse caso, observa-se a recusa do sujeito em se submeter a tais determinações. Por sua vez, “Eu não preciso ter medo” aponta para a superação de regimes de poder que se estruturam pela produção do medo, sejam eles de ordem institucional, social ou simbólica, evidenciando uma resistência ativa a essas forças. Em diálogo com a problematização proposta por Michel Foucault — “quem somos nós hoje?” —, o enunciado permite compreender o sujeito contemporâneo como um sujeito em processo de autoformação, ou de “cuidado de si”, conceito central nos últimos trabalhos do autor. Trata-se, portanto, de um sujeito que, embora constituído nas e pelas relações de poder, também é capaz de resistir a elas e de se reinventar.

Portanto, o enunciado expressa uma subjetividade que emerge de práticas de resistência: alguém que, ao se libertar de discursos que o aprisionavam, passa a se constituir como sujeito autônomo — ainda que sempre dentro de relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos enunciados pautada nas memórias de Esmeraldina, fica evidente que o documentário enquanto lugar de memória, apesar de metaforizar o passado, visto que é permeado também de ficção, denuncia uma população forjada na miséria e que faz das ruas um espaço de sustento e moradia. Além de trazer à luz a situação de vulnerabilidade, medo e violência pela qual as mulheres em situação de rua passam, enredadas à complexas relações de poder que o feminino, historicamente, teve que enfrentar.

Nessa perspectiva, é inegável o poder de revelação e de transformação do documentário, visto como um lugar de múltiplos sentidos, pois perpassa a ótica nunca ingênua do diretor e a subjetividade dos relatos memoriais.

Dessa forma, as sequências analisadas provam que a memória está sempre presente, sujeita a mudanças, esquecimentos, ficcionalização, lembranças, mas sempre fazendo parte da vivência e da experiência humana, evocando, por meio da memória discursiva, um passado histórico, que quando atualizado, produz efeitos de sentidos múltiplos.

Nessa direção, à luz das reflexões de Michel Foucault, é possível compreender que tais enunciados não se limitam a relatar experiências individuais, mas configuram práticas discursivas que produzem verdades, organizam saberes e posicionam sujeitos em determinadas formações discursivas. O enunciado, assim, opera como acontecimento, atravessado por relações de poder e por condições históricas de possibilidade, que tornam dizível a experiência da rua e do feminino. Desse modo, ao emergirem no documentário, esses dizeres não apenas representam a realidade, mas participam ativamente de sua construção, ao instaurar novas formas de visibilidade, de problematização e de existência para esses sujeitos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua. Brasília: MDS, 2008.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CARVALHO, Patrícia Reis. **Mulheres em situação de rua: Fatores que contribuem para esta vivência**. In: IX Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2019, Maranhão.

CASTELO BRANCO, Lúcia. **A Traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994.

COURTINE, Jean-Jacques. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. **Polifonia**, Cuiabá, ed. Ufimt v. 12 n. 2 p. 1-13, 2006.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

ESMERALDO, Andréa Ferreira Lima e XIMENES, Verônica Moraes. Mulheres em situação de rua: implicações psicossociais de estigmas e preconceitos. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Vol. 2, 1-15, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso. Aula inaugural no Collège de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 7ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Michel Foucault: o discurso nas tramas da história**. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral (Org). **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: Entremeios, 2004b, p. 19-43.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LE GOFF, Jacques. **Enciclopédia Einaudi. Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1996.

NEUFELD, Carmen Beatriz; STEIN, Lilian Milnitsky. A compreensão da memória segundo diferentes perspectivas teóricas. **Estudos de Psicologia**. Vol. 18, n. 2, p. 50-63, maio/agosto, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, n. 10. São Paulo, dez. 1993.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: **O corpo feminino em debate**. MATOS, Maria Izilda S. de e SOIHET, Rachel (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 13-27.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2019.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade** [online]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

TOMAIM, Cássio dos Santos. Documentário, história e memória: entre os lugares e as mídias de memórias. **Significação**. São Paulo, v.46, n. 51, p. 114-134, jan-jun. 2019.